

## **Tradução e Crença: Abordagem antropológica para saúde mental na universidade**

1

Rafael de Mesquita Ferreira Freitas (UFC/UNILAB -CE)

Palavras-chave: Tradução; Universidade; Saúde-Mental

Não é de forma alguma estranha a antropologia como uma forma de tradução. Muito já foi dito acerca do que consiste essa tradução, do que é (ou não é) passível de ser traduzido e de quais as vantagens e desvantagens de trabalhar com esse foco. Neste artigo, faço uma discussão acerca das questões levantadas por autores consagrados no sentido de como elas refletem em minha pesquisa acerca de experiências de sofrimento em universidades.

O cerne desta pesquisa é trabalhar narrativas e experiências referentes à saúde de estudantes universitários, na cidade de Fortaleza, tendo como ponto de partida a série de questões levadas e trabalhadas em dois grupos terapêuticos que ocorrem em duas universidades da capital cearense, a Universidade Federal do Ceará (UFC) e a Universidade de Fortaleza (UNIFOR). No escopo deste artigo, trabalharei apenas parte do material proveniente do Grupo de Autocuidado, que se reúne na UFC.

A busca ao grupo e a pesquisa se inserem em um contexto de crescente debate acerca do tema da saúde mental dos estudantes em universidades. No Brasil o tema da saúde mental tem sido apontado em pesquisas dentro e fora da academia. De acordo com a OMS, o número de pessoas vivendo com depressão está aumentando - 18,4% entre 2005 e 2015. O órgão alertou que a depressão é a principal causa de incapacidade laboral no planeta e, nos piores casos, pode levar ao suicídio (LABOISSIÈRE, 2017). Em estudo publicado recentemente pela Organização Mundial de Saúde (OMS), o Brasil aparece como o país com maior taxa de pessoas com transtornos de ansiedade no mundo, contabilizando 9,3% da população nacional com algum transtorno de ansiedade, estimado em 18,6 milhões de pessoas (CHADE; PALHARES, 2016). Diversos são os exemplos de como esse tópico sem sido levantado nas universidades. Como exemplo,

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF

no segundo semestre letivo de 2018, a Universidade de Brasília ofereceu uma disciplina intitulada “Tópicos Especiais em Engenharia de Software – Felicidade”. A oferta faz parte um parte de um conjunto de ações da FGA (núcleo desta universidade que congrega cinco cursos de engenharia) voltadas para o apoio à saúde mental e qualidade de vida no campus. “Com foco em autoconhecimento, afeto, cuidado, solidariedade, respeito às diferenças e diálogo, o objetivo é apresentar estratégias para ajudar os estudantes a lidar com fatores adversos do dia a dia” (PIMENTA, 2018). A disciplina é inspirada em matérias ofertadas pelas faculdades de Yale e Harvard. Dentre os conteúdos abordados estarão “a dimensão do afeto e o ‘cuidar’ no ambiente acadêmico”, estratégias de enfrentamento aos fatores psicológicos que interferem no desempenho acadêmico, como depressão, ansiedade, timidez, insegurança e desamparo (Ibdem). Em publicação no site da mesma universidade, são elencados trabalhos acumulados, provas, prazos curtos, cobranças e competitividade como fatores que, somados a outros contextos, prejudicam a saúde mental da comunidade acadêmica (VELOSO,2018). Tal contexto é compartilhado pelas diversas áreas nesta universidade, como o Instituto de Ciências Sociais e Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (Ibdem).

Entretanto, o debate acerca da saúde mental nas universidades continua ocorrendo de forma marginal, apesar da demanda. É neste cenário que busco inserção durante esta pesquisa e, por meio dele, encontrar sentidos, razões e formas de experienciar essa vida que passa por adoecimentos de ordem físico-moral (DUARTE, 1986)<sup>2</sup>, dentro da universidade. O que investigo é, em outras palavras, o que significa se sentir atravessado por um sofrimento classificado como psíquico dentro do ambiente acadêmico?

Tomo como fonte primária de informações para esta pesquisa as narrativas dos estudantes que procuram os grupos terapêuticos nas duas universidades pesquisadas, tendo ou não sido diagnosticados, o objetivo foi encontrar pessoas que se reconhecem ou são reconhecidas como pessoas debilitadas em sua saúde mental, mas que não

---

<sup>2</sup> Duarte (1986) trata da questão da doença dos nervos entre pessoas das classes trabalhadoras urbanas no Rio de Janeiro. A doença dos nervos surge como um nóculo que leva o antropólogo a tratar de diversas outras questões, todas emaranhadas, tais como relações de trabalho, sociabilidade vicinal, representações da saúde, papéis familiares e a relação com as instituições e códigos dominantes (1986:10). O autor utiliza Nervoso como uma categoria êmica que enuncia o que ele vem a chamar de perturbações físico-morais. Deixando claro assim que, mesmo ao falarmos de saúde mental, não se trata de algo que não se manifesta apenas em um campo de subjetividades, sem alterações físicas e materiais.

necessariamente fazem parte de uma rede de atendimento institucionalizada (LIMA, 2009:35). Neste artigo, tomo como material empírico para debater as noções de crença e tradução uma reunião do Grupo de Autocuidado (apresentado posteriormente) algumas das narrativas destes estudantes.

O objetivo deste artigo é refletir acerca das possibilidades de tradução da experiência de sofrimento destes estudantes. A partir da presente pesquisa, reflito acerca das possibilidades de conhecer e transmitir, por meio de narrativas, a experiência de estudantes universitários que buscam grupos terapêuticos, dentro da própria academia, como um suporte para, dentre outras razões, a sua manutenção na faculdade. É a partir de suas narrativas e da construção de um espaço social que encontro subsídios para refletir acerca dos diversos significados de ser estudante na universidade.

Nas experiências de sofrimento que trabalho, saúde mental é o termo guarda-chuva para nomear diferentes formas de experiência. Esta é uma expressão utilizada de diferentes maneiras. Para a Organização Mundial de Saúde (OMS), saúde mental é definida como um estado de bem-estar no qual o indivíduo realiza seu potencial, pode lidar com o estresse normal da vida, pode trabalhar de forma produtiva e frutífera, e é capaz de dar contribuições para sua comunidade. Também é definida como sendo o estado de equilíbrio entre uma pessoa e o seu meio sociocultural.

Uso a expressão saúde mental como uma categoria que tem validade para os próprios interlocutores com quem pesquiso (um meio do qual também faço parte, o de alunos universitários), mas também para questionar algumas de suas implicações. Por exemplo, ela carrega consigo uma série de horizontes, alguns inescapáveis, que merecem uma atenção mais pormenorizada. A noção de saúde mental, portanto, carrega um duplo-vínculo (double-bind<sup>3</sup>) para a minha perspectiva; entenda-se, de modo

---

<sup>3</sup> Esta noção foi desenvolvida por Bateson, em sua monografia (1958), acerca de um ritual praticado entre os Iatmul, na Nova Guiné, na primeira metade do século passado e aprofundado posteriormente em outra obra (1972). Grosso modo, a noção de duplo-vínculo, no trabalho batesoniano, visou a descrever formas de sociabilidade, entre os Iatmul, nas quais as pessoas conectavam-se, relacionavam-se, por meio de relações que são antinômicas, formalmente antagônicas. Entretanto, nos rituais *naven*, essas relações antagonizadas são vivenciadas, única e exclusivamente, de modo concomitante. Encerrando um paradoxo central da cultura iatmul, expresso em geral nas cerimônias *naven*, Bateson desenvolveu o conceito de duplo-vínculo de modo a descrever e analisar fenômenos que vinculam proposições, assertivas, afetos que são paradoxos, isto é, que são antinômicos (exclusivos) e necessários (inclusivos) simultaneamente. Em outros trabalhos, Bateson seguiu com o conceito, como uma ferramenta heurística útil para outros contextos analíticos e descritivos. A fortuna crítica, no campo da antropologia, assenta-se, dentre outras, na capacidade do conceito batesoniano lidar com as vinculações duplas, concomitantes, que não permitem escolhas, entre esferas antagônicas. É nesse sentido que tomo de empréstimo o conceito, a saber, como

concomitante ela é entendida e operacionalizada como categoria êmica, assim como ética, isto é, uma categoria a ser tensionada (ou desconstruída) com as experiências reais vividas pelos estudantes. Em suma, nesta pesquisa ponho em suspensão qualquer definição de antemão do que seja ansiedade, depressão, pânico, fobia ou bipolaridade, quaisquer dos transtornos de humor abordados, para desta forma, investigá-los a partir das vidas narradas.

Um dos maiores desafios postos por esta pesquisa é o de como traduzir uma dor que não possui, como fonte imediata, uma comprovação material ou quantificável. O sofrimento não comunicado se relaciona com a possibilidade de lançar o sujeito na solidão, de vez que não parece haver motivos para falar, visto que a comunicação parece imprópria para expressar aquilo que se sente (DANTAS Apud SILVA, 2017).

Trata-se, portanto, de trazer o sofrimento para o campo o dizível. Esta tarefa já encerra dois grandes desafios: a) como traduzir essa experiência que nada ou pouco tem de proposicional, para uma mensagem que possa ser comunicada; e b) fazer isto sem congelar os sujeitos narrados como sofredores por excelência, ou seja, sem cristaliza-los em sua dor. Este é o desafio de alcançar um modo de escrever que permita revelar um mundo no qual a vida pulsa com sofrimentos, mas também com os pequenos prazeres cotidianos (DAS, 2015:2)<sup>4</sup>.

### **Tradução: Escuta e escrita**

A tradução está no centro de diversas das formas de fazer antropologia e significa mais do que uma tradução literal de expressões. Tradução de culturas é uma definição usada para a antropologia pelo menos desde os anos 1950 (ASAD, 1986, p.141). Lienhardt (1954) apresentou, nesta mesma década, uma bem elaborada discussão do que seria tradução na antropologia. O que é objeto dessa operação não são códigos linguísticos simplesmente, são modos de pensar. Ao buscar representar em

---

uma ideia, com função metodológica e epistêmica, para expressar a impossível escolha entre categoria êmica (o “ponto de vista nativo”, local) e categoria ética (o ponto de vista geral), na qual me encontro(ei) nesta pesquisa.

<sup>4</sup> Veena Das opta em trabalhar, em algumas de suas obras (2007, 2015), como eventos culturais e políticos ocorrem no cotidiano. Ao favorecer essa perspectiva, a autora tem sucesso, com um apuro antropológico, em captar aspectos que pareceriam contraditórios, como pensar os sofrimentos e os prazeres em conjunto, mas que atuam, necessariamente, em um todo para formar a experiência de vida de seus interlocutores.

nossa própria linguagem aquilo que é diferente, o que é manejado são as potencialidades de nosso próprio pensamento e linguagem. Neste processo de tradução, portanto, é possível tensionar as próprias categorias de pensamento. Neste sentido, tradução etnográfica é como um modo filosófico de infectar modos familiares de pensar com alteridades, como meios de estimular criatividade analítica (SALMOND, 2013, p.2).

Para tornar a tradução possível é necessária uma reflexão acerca das categorias básicas do conhecimento proposto a ser traduzido, tendo como um norte a possibilidade de modificar as próprias categorias de conhecimento. Desta forma, escrevo a partir da universidade para atualizar nas experiências e narrativas o que significa ser estudante universitário, tanto para a instituição, quanto para os próprios estudantes.

Esta operação antropológica pode ser entendida como uma tradução de contextos, mostrando como determinadas formas de viver são condizentes com seus contextos, uma tradução como “meio daquele esforço tateador e cobiçador da tarefa de criar um mundo paralelo àquele que é vivido e percebido em um meio expresso com suas próprias condições de inteligibilidade” (RATTES, 2009:37). Fazer da tradução uma tarefa criadora e inventiva, no sentido de ser capaz de, ao operar nesse entre mundos, realizar uma mudança ao carregar sentidos de um para o outro. Tradução, da forma como trabalho aqui, é reformulação de categorias (nossas e alheias), para que estas possam ultrapassar os limites dos contextos originais no qual surgiram e nos quais adquiriram seu significado, com o objetivo de estabelecer afinidades e demarcar diferenças. (GEERTZ, 1997:24).

Colocar o enfoque do estudo na experiência dos estudantes é passar para o registro do cotidiano dos sujeitos, é ver a “enfermidade enquanto experiência subjetiva compartilhada para além do campo médico” (FERIANI, 2017:119). São os próprios sujeitos que experimentam o sofrimento que nos contam sobre o que sentem. Desta forma, é possível “complexificar a análise e relativizar os discursos oficiais e hegemônicos, levando em conta outras formas de reconhecimento, explicação e manuseio das doenças” (*Ibidem*), ao colocar as narrativas dos alunos em primeiro plano, a tarefa a ser empreendida é estudar o fenômeno a partir de suas determinações e transformações dadas (LIMA, 2009:36). Ao suspender definições de antemão do que sejam as experiências destes estudantes, é imprescindível não enxergar suas queixas como meras crenças ou enganos sobre um mundo objetivo ao qual aqueles que não

experimentam o mesmo sofrimento tem acesso. Dizer que alguém acredita se sentir inferior aos demais colegas ou que se sente incapaz de falar diante de uma sala de aula, é adicionar uma nuance a sua convicção. O próprio verbo Acreditar carrega consigo um sentido de dúvida e essa ambiguidade envolve o lado subjetivo da crença (POUILLON, 2016).

Como afirma Asad, uma boa tradução busca reproduzir a estrutura de um discurso alienígena dentro da linguagem do próprio tradutor (1986, p.156). Entretanto, tal possibilidade de tensionar as estruturas da linguagem que recebe a narrativa não depende apenas da narrativa em si, mas também das relações de poder institucionalizadas entre os diferentes modos de vida e linguagem que são relacionados (ASAD, 1986, p.157)<sup>5</sup>. Tais relações de poder estão presentes também dentro da universidade. Estão presentes quando estudantes que experimentam crises de ansiedade ou períodos de depressão durante os quais sentem que não deveriam “ocupar” sua vaga na universidade, ou quando se sentem incapazes de alcançar determinado rendimento, terminar o curso em determinado prazo. Isso é reforçado na relação com uma instituição que vai julgar suas queixas como válidas ou não.

### **Cuidado e Universidade**

Faço aqui apenas uma breve apresentação do Grupo de Autocuidado, a título de contextualização. Não há aqui espaço para tratar de suas premissas terapêuticas e as implicações destas para as questões levadas aos encontros. Como forma de discutir as questões relacionadas à tradução de uma experiência de sofrimento, após apresentar o grupo, trago a narrativa de um encontro.

O grupo de Autocuidado existe desde 2015, como um projeto do Laboratório de Relações Interpessoais (L'ABRI), vinculado ao curso de psicologia da UFC. A proposta metodológica que guia as atividades deste laboratório é o Psicodrama. O objeto de atuação do Grupo de Autocuidado, na UFC, é a “criação de relações sociais saudáveis”, tanto entre os alunos como entre alunos, professores e demais servidores. Ingressei no

---

<sup>5</sup> Talal Asad fala da disposição da linguagem de ser sujeitada a um poder transformador por outra no contexto das relações de poder de um cenário pós colonial. Neste contexto, ele argumenta, idiomas dos países colonizados vem absorvendo idiomas europeus por muito tempo, desta forma se tornando mais passíveis de serem transformados, enquanto as línguas de origem europeias se tornam mais rígidas.

grupo no ano de 2018, através da pesquisa que venho desenvolvendo e passei a atuar como um dos organizadores do grupo. Durante o primeiro semestre de 2018, a equipe foi formada por Kildare Braga, Paulo Francis e eu. O primeiro é psicólogo, formado pela UFC, um dos fundadores do L'ABRI e também o responsável pelo projeto de autocuidado dentro do laboratório. O segundo é graduando do curso de psicologia e já foi aluno participante do grupo em semestres anteriores. A partir do segundo semestre a equipe que coordenou os encontros passou a ser formada por mim e Kildare. Este último tem sido, além de diretor do grupo, um interlocutor em determinado sentido. Ao final de cada encontro, debatemos a dinâmica do que ocorreu e pensamos no que pode ser feito para os próximos. Portanto, Kildare é alguém para pensar junto durante esta pesquisa e com quem aprender mais sobre as dinâmicas grupais utilizadas.

A quantidade de participantes nos encontros não se mantém de forma fixa. Existem alguns alunos que estão presentes em quase todos os encontros, mas a quantidade por reunião costuma oscilar entre quatro e quinze participantes. A dinâmica dos encontros sempre inicia com um 'aquecimento', que é um momento de conversa que não pretende imediatamente tocar em qualquer assunto delicado ou de forma aprofundada, mas sim incentivar os participantes a falar e verificar se existem questões que eles buscam colocar em debate. A partir daí, são propostas atividades que tenham como objetivo fazer os estudantes participarem ativamente, falando, compartilhando e interagindo uns com os outros. Os encontros são finalizados pedindo para que os estudantes resumam em uma palavra (ou uma frase) o que o momento foi para eles. Esta palavra serve como um termômetro das emoções trazidas.

O espaço do Grupo de Autocuidado pode ser caracterizado como um ambiente no qual são discutidos e negociados os significados acerca do que representa para eles estar na universidade como estudante. É também um espaço no qual falar do sofrimento e de si é não só permitido como incentivado. Não raramente, os estudantes definem esse espaço como um no qual percebem que não estão sós em relação a como se sentem. No dia 13 de agosto, primeiro encontro realizado durante o segundo semestre de 2018, havia alunos que participaram do grupo durante o primeiro semestre, e eram vistos como veteranos, e outros que haviam se inscrito para participar pela primeira vez no segundo semestre. Ao fim do encontro, Kildare perguntou aos 'veteranos' o que eles

levaram para si do semestre anterior. Kássia<sup>6</sup>, uma das veteranas, disse que entrou no grupo porque se sentia muito ansiosa e, apesar de continuar se sentindo ansiosa em alguma medida, entende agora que o que ela sente é algo normal, pois vê outras pessoas passando por experiências semelhantes à sua<sup>7</sup>. Duna, outra participante, respondeu que o grupo foi uma forma de conseguir terapia, visto que não tinha como pagar pelo atendimento, mas que os encontros também a faziam se permitir, “se abrir mais”. Durante esta conversa, Valente contou que vinha procurando diversas alternativas de autocuidado quando entrou no grupo e que achou bom para si ter um espaço para falar e para ouvir. Para ele, este é um espaço no qual se sente acolhido e que “não tem problema ser frágil ou ser sensível”.

A partir de agora apresento uma narrativa tecida em um encontro ocorrido em junho de 2018, que tomo como um nó inicial para conectar alguns dos temas que foram abordados neste grupo. Participaram do encontro cinco estudantes, entretanto, por questões de espaço, ao longo do texto tratarei de forma mais aprofundada apenas de uma das narrativas apresentadas.

Este tratou-se do oitavo encontro do Grupo de Autocuidado. Eu e Paulo Francis fomos designados para dirigir as atividades do dia, devido à ausência de Kildare Braga. Entretanto, a atividade a ser feita no dia foi debatida entre nós três durante a semana anterior e acordamos sobre os possíveis encaminhamentos a serem trabalhados.

O encontro descrito contou com cinco participantes, todas mulheres e de distintos cursos da universidade: Rubi (Gastronomia), Luna (Farmácia), Cecília (Biotecnologia), Duna (Letras) e Cíntia (Educação Física). Com exceção de Luna e Cecília, que já possuíam um relacionamento afetivo antes de ingressar no grupo, as demais passaram a criar suas relações entre si dentro dos encontros. O encontro ocorreu em uma quarta feira, na sala de grupos de clínica escola da UFC. Como sempre, sentamos todos no chão, em um círculo. Inicialmente estávamos encostados na parede da sala, porém, como éramos poucos participantes, ao longo da atividade proposta, sentamos um círculo menor, no meio da sala.

---

<sup>6</sup> Todos os nomes de estudantes utilizados aqui são pseudônimos. Isto é feito para proteger a identidade destes alunos.

<sup>7</sup> É possível começar a perceber, através desse relato, que o grupo, além do papel de cuidado ele também faz uma socialização do diagnóstico.

Depois de um período de ‘aquecimento’, começamos com a atividade que propus para ser feita neste dia. Inicialmente, a proposta discutida com Kildare e com Francis, era que cada participante deveria receber uma folha em que deveriam representar sua relação com a família. Entretanto, devido aos debates levantados por elas durante o aquecimento, optei por fazer uma alteração na atividade. Cada uma recebeu duas folhas. Na primeira elas eram convidadas a representar sua relação com a universidade e na segunda sua relação com algo/algum/algum local que lhes trouxesse uma sensação de acolhimento. Essas representações poderiam ser feitas de qualquer forma (desenho, escrita, dobras, etc.). Posteriormente estas representações eram apresentadas ao grupo, postas para serem compartilhadas e comentadas com as demais participantes. A seguir, apresento os desenhos feitos por Luna com o objetivo de identificar questões que perpassam a experiência individual mas também a presença destas subjetividades em um campo social, uma representação hegemônica dos valores esperados de um estudante. As informações que discuto a partir das imagens, foram obtidas tanto durante o encontro como em conversas posteriores.

As imagens 1 e 2, apresentadas a seguir, foram feitas por Luna. Nestas imagens, ela descreve como sua relação com a faculdade é marcada por sentimentos conflitantes assim como também apresenta os diversos caminhos que a levam até tornar-se aluna universitária.



*Figura 1 - Relação com a Faculdade*

A faculdade é um local que abre portas para ela, que representa um caminho para ela alcançar sonhos. A presença de cores no lado direito foi utilizada para mostrar como esse futuro pode ser “colorido e feliz”. Entretanto, o pódio aponta para o caráter competitivo da academia, para a necessidade de estar em primeiro. O outro lado da linha é um local de confusão e conflito, representado por uma explosão violenta de cores.

Ela conta que a faculdade é algo “complicado” e experiência no grupo a ajuda a lidar com isso. “Uma coisa massa que vi ali no grupo, você... não é só você sabe que está passando por isso. Tem outras pessoas e é super normal. Não tem que sofrer demais”. O que a surpreendeu no grupo foi a sensação de liberdade e conforto em dizer coisas que a machucam para outras pessoas que ela não conhece e que não a conhecem.

Ao recuperar os significados da complicação do que é essa experiência na faculdade, são lembradas questões acadêmicas, familiares e profissionais.

Cara, para mim é muita pressão. Você já sai do ensino médio tendo que decidir tua vida. Eu nunca tinha pensado em fazer Farmácia, era minha irmã que queria. [...] Eu queria fazer design de interiores, meu pai insistiu que eu fizesse arquitetura. Fiz um curso de linguagem arquitetônica, porque tinha a segunda fase de desenho, e não curti. Aí não passei da primeira fase, quando terminei a escola, depois de cursinho. Aí eu mudei, fui tentar psicologia. Minha mãe é psicóloga, mas nunca trabalhou na área. Acho interessante. Mas na segunda fase eu não passei. Depois fiz de novo cursinho e aí abriu o ENEM, nacional, aí eu coloquei farmácia ... porque minha irmã queria fazer farmácia. Mesmo não sendo uma coisa que eu pensava em fazer, mas eu me encontrei.

Luna é aluna do curso de Farmácia, na UFC, desde 2011, quando se mudou de São Paulo, onde a família mora, para Fortaleza, aos 19 anos de idade. Antes já havia tentado ingressar em arquitetura. Devido ao rompimento de uma amizade muito próxima dentro do curso de farmácia, ela se afastou do grupo de amigos que faziam parte daquilo que ela considerava como um dos fatores de proteção dentro da universidade. Ficar “só” no curso, foi algo que a levou a atrasar a conclusão de seu curso. Outro atraso no fluxo previsto do curso também ocorreu logo em seu início, quando ela precisava fazer uma quantidade que considera muita grande de cadeiras, “não dá para fazer oito cadeiras. Viver, fazer, estar sem bolsa e dar conta de professores carrascos”. Nos primeiros semestres reprovou em algumas cadeiras, uma delas devido

ao número de faltas. De acordo com ela, estava se sentindo mal, e como tinha se afastado dos colegas, não se sentia bem em se abrir com mais ninguém. Por isso quando sabia que eles estavam na sala, evitava ir às aulas. A questioneei se enxergava a possibilidade de falar com algum professor sobre o que estava passando, mas ela disse que não. A única professora que poderia ter abertura para conversar é a coordenadora do PET. Apenas com Cecília, sua companheira, ela conseguia falar do que estava sentindo. Esse cerceamento de locais para falar de si, de suas dores, sem ter sua narrativa classificada como patológica ou algo que reduza seu mérito, importante para conquistar o pódio, foi importante para a cristalização de suas experiências de sofrimento.

O que serve como suporte para sua permanência na faculdade é o exercício de sua espiritualidade, conversando com Deus ou em vídeos da Monja Coen,<sup>8</sup>, a inserção em grupos de pesquisa da faculdade, como o Programa de Educação Tutorial (PET), a partilha de momentos com sua companheira. Atualmente ela diz que se sente melhor, pois está aprendendo a conhecer seus limites, o que pode significar reduzir a quantidade de cadeiras cursadas por semestre, ou adiar a defesa da monografia para se preservar.

Outro fator importante em sua vida que reflete em sua trajetória acadêmica é a relação com irmã, que mora em São Paulo. A irmã também passa por uma depressão e ela diz que, por isso, precisa ser forte por ela. Isso significa ela encontrar um motivo para ser forte, para servir de exemplo, mas também que tem dificuldades em se reconhecer como fraca ou frágil. Luna afirma que precisa

Tentar ser forte. Minha mãe não conseguia lidar bem com isso, as coisas da minha irmã, nem meu pai. E aí, eu estava aqui em Fortaleza, conversando com eles, para tentar organizar um pouco a vida lá. Porque minha irmã também tentou suicídio... acabou também trancando a faculdade.

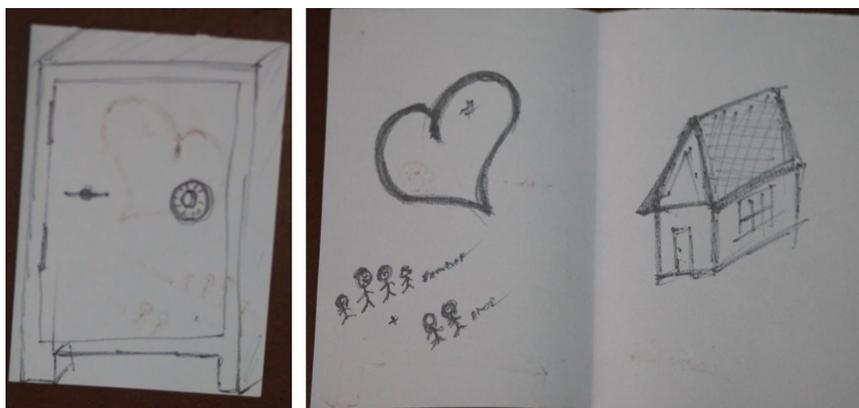
A tentativa de suicídio da irmã a levou a ter uma proximidade maior com ela, como forma de estar disponível para conversar. Mas também é algo que a deixa com medo de perder a irmã.

O aspecto competitivo da faculdade está presente em diversas facetas. Na concorrência por bolsas, na necessidade de manter um Índice de Rendimento

---

<sup>8</sup> Cláudia Dias Baptista de Sousa, conhecida como Monja Coen Roshi, é uma monja zen budista brasileira e missionária oficial da tradição Soto Shu com sede no Japão. Ela disponibiliza vídeos na plataforma YouTube, na qual disserta sobre temas diversos a partir da perspectiva zen budista.

Acadêmico alto, na publicação de artigos e trabalhos, no tempo de conclusão do curso, na quantidade de cadeiras cursadas no semestre, etc. A faculdade é o ambiente sonhado por tantos dos interlocutores com quem trabalho. Muitos sonharam com ela e têm buscado se adaptar para se manter nela. É, entretanto, naquilo que é externo a faculdade, que Luna encontra o suporte que a mantém no curso, que ela descreve como o que a apoia durante as crises e que a permite caminhar para terminar sua graduação.



*Figura 2 - Relação com o Cuidado*

A folha que ela usou para representar o cuidado (Figura 2) foi dobrada em duas. Na frente há a porta de um cofre. Ao desdobrar o papel encontra-se um signo para um coração, que é habitado pela família, que mora em outro estado. Essa distância fornece o que ela classifica como uma distância boa, pela liberdade que ela quer, mas ainda possível de sentir a presença da família, com as ligações e mensagens que continuam trocando, além das visitas dos pais. Também habita esse ambiente a namorada, Cecília, que tem sido um suporte para a manutenção de Luna na faculdade. Do outro lado da folha está a casa onde as duas moram, indicado como um ambiente de segurança.

### **Considerações finais**

A proposta da atividade tem, como uma de suas ideias norteadoras, a reflexão de que a tradução de uma forma de vida, como uma experiência de sofrimento, pode ser melhor traduzida (ou melhor falando, traduzida de formas diferentes com resultados diferentes) por outras representações, tal qual performances, interpretação de papéis, pela música ou, como é o caso, pelo desenho (ASAD, 1986, p.159). Em diversos momentos dos encontros do grupo terapêutico os alunos são solicitados a falar de sua

dor de formas indiretas, como através de desenhos, pinturas ou de personagens fictícios. Isso permite a abertura para reflexão de experiências que encaradas de forma direta causam bloqueios naquilo que é dito. Entretanto, não é apenas a mesma mensagem que é transmitida de formas diferentes, a mudança da mídia é também um meio de criar narrativas que poderiam não ser tecidas pela oralidade ou pela escrita.

Como antropólogo, somos solicitados a transformar a linguagem não propositiva dos nossos interlocutores em um texto escrito. Como afirmou Mia Couto, “só se torna escritor a sério no momento da escrita. Antes e depois ele está aqui para ouvir os outros. Todo escritor é um escutador” (2017). É imprescindível, portanto, a escuta de forma a tornar-se escritor de histórias outras. Não se trata de qualquer escuta ou de qualquer escrita

Narrador e Ouvinte são os personagens pelos quais proponho compreender Interlocutor e Antropólogo. Entendo narrar como a faculdade de intercambiar experiências. Logo, a experiência está na fonte da narração, seja ela própria ou cambiada por terceiros (BENJAMIN, 1994:198). A comparação das narrativas (de interlocutores e institucionais, por exemplo) tem como fim a tradução antropológica, não o contrário. Sua intenção não é hierarquizar narrativas, explicar, justificar, generalizar, revelar o inconsciente, dizer o não dito (VIVEIROS DE CASTRO, 2004, p.3). De forma que o que busco na narrativa dos estudantes não é a verdade ou reconstituição dos fatos. Não se trata da tentativa de criar um diagnóstico ou de uma história, mas de compreender as relações empreendidas, quais as sensações recorrentes nestas trajetórias e, por fim, como elas constroem um campo de afirmação e resistência social dentro da academia. Neste mergulho das narrativas, aquilo que é designado por palavras semelhantes pode ter seus sentidos alterados. O que significa ser aluno e o que é ser resistente é então deslocado. Não se trata de comunicar algo dado de antemão, a priori da relação com e entre interlocutores. O antropólogo-tradutor não está em posição de resolver um equívoco. Ou seja, não se trata de uma transmissão de sentido através de barreiras linguísticas ou culturais, mas sim de um papel criativo que se funda justamente na existência de um equívoco, um impasse ou na falha de conhecer o Outro (SALMOND, 2013, p.6). Se trata da possibilidade, de através da escuta atenta das narrativas, criar possibilidades alternativas de existência dentro da academia.

Para que as narrativas existam, para que experiências sejam intercambiadas, é necessário que haja também o personagem do ouvinte. De forma que é preciso antes ser ouvinte para depois ser narrador. Ser ouvinte, ou testemunha, na expressão de Gagbebin, é aquele

que não vai embora, que consegue ouvir a narração insuportável do outro e que aceita que suas palavras levem adiante, como num revezamento, a história do outro: não por culpabilidade ou por compaixão, mas porque somente a transmissão simbólica, assumida apesar e por causa do sofrimento indizível, somente essa retomada reflexiva do passado pode nos ajudar a não repeti-lo infinitamente, mas a ousar esboçar uma outra história, a inventar o presente (GAGNEBIN, 2006:57)

Fazendo um paralelo com a psicologia crítica, a onipotência de um saber a priori sobre do que se trata o sofrimento do sujeito, oferece apenas uma “escuta surda, um olhar cego, uma fala muda e uma ação reiterativa” (LIMA, 2009:27). Tal crítica se aproxima muito da proposta metodológica de Favret-Saada (2005). Para esta autora, “se o projeto de conhecimento for onipresente, não acontece nada. Mas se acontece alguma coisa e se o projeto de conhecimento não se perde em meio a uma aventura, então uma etnografia é possível” (2005:160).

E o que a escuta da narrativa de Luna pode revelar? Primeiro que através da narrativa dela, ao suspendermos quaisquer diagnósticos psiquiátricos que ela possa ter, é possível entender o fluxo de experiências que ficariam ocultos e congelados sob uma nomeação. Evitar uma escuta surda neste caso é não dar sua experiência de sofrimento por explicado devido a uma nomeação de antemão. Seu cotidiano mostra como pilares afetivos, familiares, profissionais e religiosos sustentam sua manutenção na faculdade e também seu bem estar. Assim como é possível também fazer uma avaliação crítica da universidade em sua trajetória. Esta aparece com um local de realização de sonhos, onde portas são abertas. Mas é também um local de competição exacerbada, de constante prova das próprias capacidades. A competição que ela experimenta, a visão da universidade como uma corrida por um lugar no pódio não é uma mera crença, é a condição de experiência de um mundo narrado e vivido. O espaço do grupo terapêutico é um no qual estas perspectivas são compartilhadas e, desta forma, podem ser objeto de reflexão.

O próprio ingresso de Luna na universidade está intimamente relacionado a outras experiências de sofrimento, como a da irmã. Os rumos tomados por ela não são aqueles de um sujeito que se faz por si. Pelo contrário, sua trajetória mostra sempre uma pessoa que é resultado de múltiplas socialidades, que a constituem e perpassam seus desejos. Neste processo é possível permitir que sua narrativa transforme o que representa, no cotidiano, ser estudante universitária.

Tradução não é feita apenas entre sujeitos de idiomas diferentes, pois nada garante, como diversos casos já mostram, que haja uma continuidade de entendimento entre sujeitos de uma mesma cultura, neste caso, do mesmo ambiente de aprendizado. A tradução não é portanto uma questão apenas de códigos, mas de levar a cabo aquilo que Viveiros de Castro chama de Equivocação controlada (2004). O equívoco entre expressões homônimas é a própria condição de existência do discurso antropológico, “traduzir é situar-se em um espaço de equivocação e permanecer nele” (VIVEIROS DE CASTRO, 2004, p.10).

Desta forma, ao colocar no centro da análise a noção de tradução, intento não encontrar os equívocos (como deve ou não ser o estudante universitário, o que constitui ou não um sofrimento válido), mas de fazer com essas diferenças sejam comunicadas e reconhecidas. O que desejo é pluralizar os sentidos da presença na universidade.

## Bibliografia

AURELIANO, Waleska. A.. **As pessoas que as doenças têm: entre o biológico e o biográfico**. In: Marco Antonio Gonçalves; Roberto Marques; Vânia Zikán Cardoso. (Org.). *Etnobiografia: subjetivação e etnografia*. 1ed.Rio de Janeiro: Editora 7 Letras, 2012, v. , p. 239-260.

BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política. Obras escolhidas**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CHADE, Jamil; PALHARES, Isabela. **Brasil tem maior taxa de transtorno de ansiedade do mundo, diz OMS**. Estadão. Fevereiro, 2017.

COUTO, Mia. **Fronteiras do pensamento**. Café Filosófico. 2017 Disponível em <<https://www.institutocpfl.org.br/2017/06/26/arquivo-especial-com-mia-couto/>>. Acesso em novembro de 2018.

DAS, Veena. **Affliction. Health, Disease, Poverty**. Fordham University Press. 2015.

DAS, Veena. **Life and Words. Violence and the descent into the ordinary**. Berkeley, University of California Press, 2007.

DUARTE, Luiz Fernando Dias. A outra saúde. mental, psicossocial, físico moral? In ALVES, PC., and MINAYO, MCS., orgs. **Saúde e doença: um olhar antropológico** [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1994.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer**. Editora 34. São Paulo. 2006.

LABOISSUÈRE, Paula .Brasil tem maior número de casos de depressão na América Latina. Agência Brasil. 2017. Disponível em <<http://agenciabrasil.etc.com.br/geral/noticia/2017-02/depressao-brasil-tem-maior-prev-alencia-de-casos-na-america-latina>>

LIENHARDT, Godfrey. . “Modes of Thought”. In, *The institutions of primitive society*. Oxford. 1954

LIMA, Aluísio Ferreira de. **Sofrimento de Indeterminação e Reconhecimento Perverso: Um estudo da construção da personagem doente mental a partir do**

**sintagma identidade-metamorfose-emancipação.** Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo. 2009

PIMENTA, Gisele. **Felicidade se estuda na faculdade.** UNB notícias. 2018. Disponível em <  
<https://noticias.unb.br/publicacoes/67-ensino/2392-felicidade-se-estuda-na-faculdade> >  
Acesso em 26/07/2018.

POUILLON, Jean. **Remarks on the verb “to believe”.** Hau Journal. Vol 6, No 3 . 2016

RATTES, Kleyton G. **O mel que outros faveiam. Guimarães Rosa e Antropologia.** Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, Brasil. 2009

SILVA, Selma Gomes da. **Travessias entre a sala de aula e o consultório: trajetórias docentes, adoecimento e narrativas de sofrimento psíquico de professores.** Tese (Doutorado). Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Fortaleza (CE). 2017

VELOSO, Serena. **Universidade planeja política de apoio à saúde mental.** UNB notícias. 2018. Disponível em <  
<http://noticias.unb.br/publicacoes/76-institucional/2368-universidade-planeja-politica-de-apoio-a-saude-mental> > Acesso em 26/07/2018.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Perspectival Anthropology and the Method of Controlled Equivocation.** Tipiti: Journal of the Society for the Anthropology of Lowland South America: Vol. 2: Iss. 1, Article 1. 2004